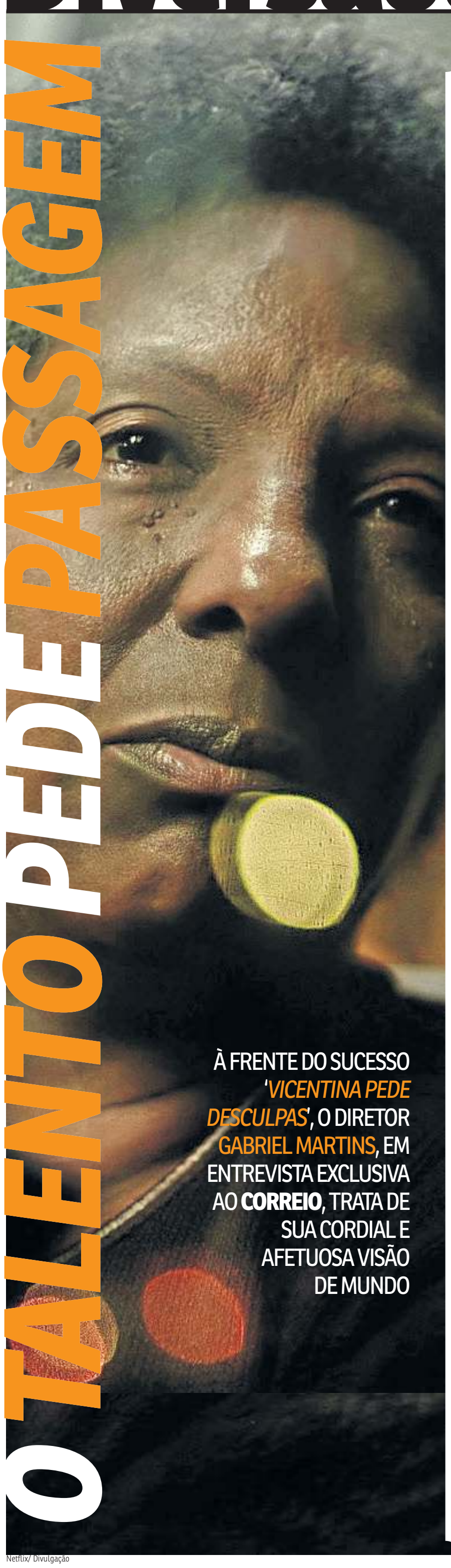


# PASSAGEM PARA O TALENTO

À FRENTE DO SUCESSO '*VICENTINA PEDE DESCULPAS*', O DIRETOR GABRIEL MARTINS, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO **CORREIO**, TRATA DE SUA CORDIAL E AFETUOSA VISÃO DE MUNDO

» RICARDO DAEHN

Visto como "uma das salas mais fortes no Brasil", pelo olhar do cineasta Gabriel Martins, o Cine Brasília (106/107 Sul), plataforma de muitos êxitos nas passagens dos longas da produtora Filmes de Plástico (da qual Martins é sócio) abre alas para o sucesso *Vicentina pede desculpas*, estrelado por Rejane Faria. "Seja pelo tamanho ou imponência, estar exibindo um filme aí, é sempre um prazer enorme, é sempre uma honra. E que eu acho que faz toda a força de um filme chegar de uma maneira muito pulsante para um público que também é muito receptivo — um público que é muito interessado", observa o diretor. Cineasta de *Marte Um* — o candidato brasileiro ao Oscar, na seleção para 2023 — Gabriel Martins, com *Vicentina pede desculpas*, contou com a parceria da Netflix, num novo título de seu cinema afetivo mineiro, feito ao modo que ele quis. Com o filme, sobre a crise de consciência de uma mãe ligada a um acidente de trânsito, o diretor competiu no Festival Internacional de Cinema de Toronto, integrou a seleção do 74º Festival Internacional de San Sebastián, foi selecionado para representar o Brasil nos prêmios Goya (com resultados para fevereiro de 2027), e, no Festival do Rio, viu sonoro coro de premiações (melhor direção, melhor roteiro e melhor longa de ficção, sob votação popular).

Em entrevista ao **Correio**, o cineasta fala das expectativas com os rumos da estruturação do cinema nacional. "A produção nacional e a Ancine (Agência Nacional do Cinema) precisam de reorganização, com o tempo, para poder olhar de forma mais ampla as cadeias produtivas do cinema, principalmente no que diz respeito às pessoas que estão começando a trabalhar hoje. Porque eu acredito que existe a necessidade importante de se cuidar de quem está chegando, de quem ainda está se estabelecendo, para que a gente continue fomentando carreiras", observa.

Com a recente queda de entraves para o Brasil, passada a eleição, *Vicentina pede desculpas*, que tanto relata cordialidade e assimilação de responsabilidades, não assenta conceitos ampla e absolutamente alinhados ao cotidiano operante no país. "Não sei se eu entendo que o Brasil esteja apaziguado. Acho que o Brasil está em constante guerra ideológica, de pensamentos. O Brasil é um país muito plural. Então, eu não sinto de forma alguma, uma pacificação nacional. Acredito que a gente está em momentos ainda fervilhantes e que ainda muito vai se ver, em termos de discordâncias, em termos até de violências. Eu acho que a gente está muito longe de um cenário de pacificação, que eu nem sei se ele, de fato, existe ou existirá", pondera o autor mineiro.



## ENTREVISTA // GABRIEL MARTINS, CINEASTA

**Cordialidade lidera o espírito do seu longa, com isso, sente que o filme tenha sido melhor recebido no exterior?**

Não sinto que houve uma diferença, porque eu acredito que exista uma vulnerabilidade inerente a esse drama vivido por Vicentina, na trama. Acho que ela tem se traduzido muito de uma forma bem ampla e humana. Então, não detectei que nisso, especificamente, tenha havido uma diferença. Eu acho que aqui no Brasil as pessoas têm uma associação cultural mais específica e conseguem inclusive associar com certo comportamento de famílias mineiras.

**Há percepção de valores familiares na produtora Filmes de Plástico (do seu grupo). Onde fica Deus e pátria, nesta equação?**

Acho que os nossos filmes tomam atmosfera familiar como um ambiente complexo, não é? Em que existem comportamentos assim das pessoas, mas que não são valores absolutos e que a gente se vale da contradição das pessoas e da própria distorção de moral. Entendendo moral como algo muito subjetivo, e que eu acho que a gente valoriza mais uma pluralidade de perspectivas. Então, eu acho que a gente foge de um lema como esse Deus, pátria e família, porque ele é por si só moralista e redutor. Ele indica um comportamento só como sendo válido, enquanto a gente busca mais as fissuras desses relacionamentos e como eles podem ser assuntos diante de uma narrativa de um filme.

**O que a música agrega aos seus filmes?**

Acho que a música está presente nos filmes por um processo natural do meu interesse. Eu sou músico também, eu consumo música, tenho bandas, e já tive banda em outros momentos da minha vida, então a minha sensibilidade artística está muito vinculada à música e, muitas vezes, a música e estéticas musicais e letras são até mais referenciais para mim do que necessariamente filmes. *Vicentina pede desculpas* é mais um desses filmes. O que está presente ali dentro está fortemente conectado a inspirações da vida real.

**Um homem que escreve sobre sororidade e íntimo feminino. Como equilibrou a situação?**

A sororidade parte de uma vivência, de uma observação das pessoas ao meu redor, das mulheres ao meu redor, em que é importante se falar sobre isso e pensar sobre, mesmo que não, necessariamente, isso faça parte da minha identidade. Porque eu acredito que existe respeito em representar o outro, existe gesto de empatia. Vejo que eu penso sobre essas personagens, escrever sobre elas como uma forma de aprender também, como uma forma de aprendizado, como uma forma de tentar olhar uma outra vida e obviamente nos encontros com as pessoas que vão fazer o filme, as atrizes — elas colocam muito de si. Então, é uma criação coletiva, acima de tudo.

**De onde vem a admiração de Gilberto Gil, vital para o filme?**

O Gilberto Gil faz parte da minha vida desde que eu era criança. A presença dele musical era muito forte na minha casa. Musicalmente eu considero ele um dos três músicos mais importantes pessoalmente para mim. Nas suas letras, nas suas músicas, então, ele estar no filme é como parte da poesia mesmo que ele coloca no mundo e como que essa poesia ressoa na gente. Veio como uma presença afetiva.

**Teme críticas, ao externar tanta representatividade num único filme?**

Não temo críticas assim dessa representatividade LGBT, porque ela faz parte da minha vida, das pessoas ao meu redor, assim. Eu ser negro, eu ser um homem negro, mesmo sendo um homem que não seja parte dessa comunidade. Essa comunidade faz parte da minha vida, está nas pessoas próximas, no meu sócio na produtora, nos meus amigos, nos meus afetos. Então, isso para mim é muito natural também falar sobre isso porque eu estou representando pessoas que eu conheço. Estão próximas a mim. Também acho que a gente não deve deixar se moldar muito por questões que estão no mundo, que elas mudam a cada momento. Eu acho que a gente tem que ser sincero com o que a gente realmente acha. Isso faz parte de representar uma diversidade de uma forma honesta no cinema.

**Um casamento com streaming (coprodutor, no caso da Netflix) pode resultar em homogeneidade de linguagem de cinema?**

Cada projeto é um projeto, obviamente, eu acho que a estrutura dos streamings como um geral, ela traz sempre esse risco de uma padronização de linguagem. Mas eu acho que também que essas parcerias têm que começar a ser feitas com mais coragem e de forma mais desafiadora, como foi o caso do Vicentina, porque fiz o filme que eu queria fazer. Eu fiz um filme que eu faria se eu tivesse feito ele todo com edital, porque eu acho que também existe uma linguagem, uma forma de pensar que se torna maior do que as restrições. E, além de tudo, a Netflix respeitou muito meu processo criativo. Ao respeitar esse processo foi possível fazer um bom filme.

**Que tempero é este do cinema mineiro tão cativante?**

O cinema mineiro, por Grace Passô, Carlos Francisco e Rejane Faria, e não só neles, vem de uma geração que é muito interessada nas artes, como um todo, na artes visuais, artes plásticas, na música, no cinema e no teatro. E existe um consumo muito forte de todos esses departamentos que eu acho que cria o interesse muito específico em certas narrativas que têm tornado o cinema mineiro um cinema muito forte. Acho que parte dessa coisa também vem de uma visão política, do cinema contestador. Isso tem gerado o impacto muito forte no cinema mineiro.

**Como vê a ideia fixa de Oscar para o país? E como vê *Feito pipa* num lugar que poderia caber a vocês?**

Acho que esse assunto todo do Oscar e Brasil vem da existência de um desejo de reconhecimento, que todo mundo tem, todos os cineastas brasileiros têm, mas eu não acredito que esse desejo de reconhecimento deva se tornar restrito ao ser ou não o escolhido para representar o Oscar. A cada ano será um filme brasileiro, escolhido oficialmente pela Academia. E essa escolha vai passar por inúmeros critérios que são daquela comissão que vai compor aquele ano. Desejo o melhor para o *Feito pipa*. Torço muito pelo filme. Da minha parte, não sinto que não estar lá seja um demérito ao meu filme. Acho que são só histórias diferentes que cada filme vai criar para si. A gente vai construir os caminhos que são também muito importantes Acho que depender dessa premiação para a gente poder existir não me parece um bom pensamento. Queremos a força da construção no cinema brasileiro. Reconhecimentos ampliam um filme, mas não se pode depender deles.

Netflix/ Divulgação

## GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

@gurulino

